

Janeiro se torna um mês-chave para abrir empresas no Brasil

Janeiro tem se consolidado como um dos meses preferidos dos brasileiros para abrir novos negócios, seja para colocar um sonho em prática ou aproveitar uma oportunidade de mercado

Em janeiro de 2024, por exemplo, foram registradas 381.746 novas empresas, o segundo maior índice da série histórica, com um crescimento de 7,3% em relação ao mesmo período de 2023, de acordo com dados da Serasa Experian.



comunidades, gerando renda e criando oportunidades. São eles que sustentam boa parte do mercado de trabalho no Brasil”, afirma Marlon Freitas, cofundador da Agilize Contabilidade.

Alguns fatores contribuem para o aumento na abertura de empresas no começo do ano, como ambiente econômico propício, impulsionado pela redução da burocracia e pela maior agilidade nos processos de formalização empresarial. “Os avanços no tempo médio para abrir empresas, agora em menos de 18 horas em alguns estados, mostram que o Brasil está se tornando cada vez mais amigável para o empreendedor.

Ao longo de 2024, o Brasil contabilizou a abertura de mais de 3,7 milhões de empresas, sendo que 96% desse total correspondem a pequenos negócios, como Microempreendedores Individuais (MEI), microempresas e empresas de pequeno porte (MPE). As pequenas empresas desempenham um papel fundamental na economia brasileira, especialmente na geração de empregos.

Dados do Sebrae mostram que, juntas, as micro e pequenas empresas são responsáveis por mais de 70% das vagas de emprego formais criadas no país. Além disso, esses negócios atendem frequentemente a demandas locais, promovendo inclusão social e movimentando economias regionais. “Os pequenos negócios têm o poder de transformar co-

Esse é o momento de transformar ideias em realidade e aproveitar as oportunidades que surgem em diferentes setores”, ressalta. Os dados da Serasa Experian demonstram que o setor de serviços foi o grande destaque em janeiro do ano passado, respondendo por 61,9% das novas empresas. Pequenos negócios também lideraram o panorama, com os Microempreendedores Individuais (MEIs) representando mais de 65% dos registros.

“A alta participação dos pequenos negócios revela a força do empreendedorismo no Brasil. Hoje, o setor de serviços oferece vastas pos-

sibilidades em áreas como tecnologia, consultoria e bem-estar. O mercado está pronto para receber novas soluções que atendam às demandas crescentes”, pontua Marlon.

• Por que empreender agora? - O mercado está vivendo fenômenos propícios ao empreendedor, como a democratização do conhecimento, a redução de barreiras de entrada em diversos nichos e as múltiplas oportunidades de negócios digitais. Além disso, as plataformas tecnológicas facilitam o processo de formalização e permitem aos novos empresários focar no crescimento de seus negócios.

“2024 foi um ano de retomada e otimismo. O cenário é promissor e deve permanecer assim em 2025, com políticas que incentivam o empreendedorismo e aprimoram os processos. Agora é a hora de agir e aproveitar a demanda crescente por serviços, que lidera o mercado de novos negócios”, conclui Marlon. - Fonte e outras informações: (<https://agilize.com.br/>).

Nova regra de cortes de energia busca maior equilíbrio e redução de custos

Alan Henn (*)

Em setembro, o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) fez mudanças nas regras para cortes de geração eólica e solar, conhecidos pelo termo em inglês curtailment

Essas mudanças buscam distribuir melhor esses cortes, quando necessários, entre diferentes geradores e regiões, ajudando a aumentar a segurança do Sistema Interligado Nacional (SIN). A princípio, essa nova metodologia foi aplicada no Rio Grande do Norte e no Ceará, onde os cortes de geração estavam sendo mais severos, chegando a 80% em alguns casos.

Agora, o ONS está avaliando se essas mudanças realmente melhoram a distribuição dos cortes entre usinas, como prometido, e qual o impacto disso no Custo Marginal de Operação (CMO) — que é o custo necessário para gerar a próxima unidade de energia (geralmente, 1 megawatt-hora) no sistema elétrico —, e no consequente despacho termelétrico, ou seja, ordem de ativação das usinas termelétricas para gerar energia.

Esse aprimoramento traz um ganho para todo o sistema, pois, além de permitir que os grupos geradores produzam energia dentro da sua normalidade e sem cortes recorrentes, também pode atenuar a volatilidade do CMO.

• Mudança no método - Antes, o ONS decidia os cortes com base no impacto que eles teriam ao aliviar o carregamento de linhas de transmissão e subestações da região, o chamado fator de sensibilidade. Mas, às vezes, cortar a geração de uma usina próxima acabava sobrecarregando outras linhas, gerando novos cortes.

Dessa forma, havia uma suspeita de que os cortes repetidos em certas regiões estavam forçando outras usinas a injetarem mais energia, o que causava sobrecarga em outras partes do sistema. Com a nova metodologia, o ONS considera um grupo maior de geradores para distribuir melhor esses cortes, mas ainda levando em conta o fator de sensibilidade. O objetivo é garantir a segurança do sistema com o menor custo possível.

Agora, o próximo passo é verificar se a mudança

diversifica mesmo os cortes de forma mais equilibrada, evitando que fiquem concentrados em um grupo ou região específica e, consequentemente, alterem o sobrepreço e os gargalos de suprimento de energia. O momento para essa avaliação é bem propício, já que o nível dos reservatórios das hidrelétricas vem apresentando grandes variações nos últimos anos, o que aumenta o despacho de usinas termelétricas para atender a demanda de todo o país.

• E o que isso muda no dia a dia? - A nova regra de cortes na geração eólica e solar não afeta o consumo de energia, pois visa apenas atenuar a concentração dos cortes de geração em determinados grupos de geradores e regiões. Ao distribuir os cortes entre diferentes geradores, deixa-se de penalizar a operação comercial de grupos específicos de geradores.

Essa distribuição diminui a pressão dos grupos geradores que podem buscar, judicialmente, ressarcimento financeiro pelo curtailment por meio do aumento da parcela da energia cortada, que é coberta por encargos.

Esses encargos poderiam ser incorporados à revisão tarifária anual das distribuidoras, que é o momento em que as tarifas dos consumidores cativos são ajustadas para refletir os custos do setor.

Ou seja, quanto maior a necessidade de cortes, maiores poderão ser os reajustes tarifários das distribuidoras. Isso poderá levar a aumentos na tarifa no próximo ciclo de reajustes, o que impactaria o bolso de todos os consumidores (cativos e livres) a médio prazo. Para quem busca mais previsibilidade e controle sobre os custos de energia, o mercado livre de energia pode ser uma opção a considerar.

Nesse modelo, empresas e consumidores têm a possibilidade de negociar diretamente com comercializadoras, o que pode resultar em preços mais estáveis e menor exposição aos reajustes das distribuidoras. Dessa forma, mesmo com novas regras e encargos no sistema regulado, o mercado livre de energia oferece uma alternativa para uma gestão mais equilibrada e planejada das despesas com energia.

(*) - É CEO da Voltera Energia (<https://voltera.com.br/>).

Criptomoedas vêm se tornando uma opção de reserva de valor

Jéssica Lima (*)

Quando as criptomoedas surgiram em meados de 2009 na forma do Bitcoin, pouco se sabia sobre o tema, como elas funcionavam e se iriam vingar por tanto tempo. Mais de uma década se passou e a consolidação desse tipo de mercado digital já foi capaz de produzir raízes e deixa cada vez mais claro que chegou para ficar.

No início, elas eram encaradas como a revolução do sistema financeiro mundial, uma vez que não dependiam dos bancos tradicionais e funcionavam inteiramente nas plataformas virtuais. E como toda novidade, houve quem se opôs à ideia, não abrindo mão do convencional, da mesma forma que reuniu entusiastas animados pela promessa ousada vinda do estrangeiro.

A verdade é que alguns fatores contribuíram para essa resistência inicial, como o uso de termos complicados. Tokens, blockchain, altcoins... todas essas palavras fazem parte do mesmo universo e podem ser melhor compreendidas quando “convertidas” para o iniciante.

Fazendo um exercício de associação, é possível afirmar que as criptomoedas (Bitcoin, Tether, Ethereum) são como os reais e dólares. As private keys (ou chaves privadas) podem ser comparadas à senha do banco. Já as wallets, nada mais são do que as contas onde ficam depositadas as reservas de cada pessoa.

• As vantagens das reservas digitais de criptomoedas - Essas carteiras, como são chamadas por aqui, inclusive, surgiram como alternativa aos meios tradicionais de guardar riquezas pelas suas várias vantagens. Na avaliação de quem foi por esse caminho, dois dos principais trunfos observados foram a autonomia encontrada sem o intermédio de instituições e a proteção contra a desvalorização da moeda pela inflação.

Isso acontece porque todas as movimentações realizadas ficam registradas na blockchain, uma tecnologia que ultrapassa barreiras geográficas e é de fácil acesso a nível global. Ou seja, uma pessoa com uma conexão de internet consegue entrar na sua wallet de qualquer lugar do mundo sem prejuízo da situação econômica local.

Os benefícios são tamanhos que até mesmo empresas do escopo do Mercado Livre e da Tesla, por exemplo,



passaram a adotar as reservas de ativos digitais – estima-se que a gigante do setor de carros elétricos possui 10 mil bitcoins, sendo ela a quarta marca com maior fundo do tipo.

A presença destes players consolidados no cenário faz com que a percepção de confiabilidade das moedas descentralizadas seja aumentada, atraindo o público interessado. As transações feitas em criptomoedas são transparentes, acessíveis e verificáveis. Ainda assim, há todo um nicho de mercado que busca facilitar o processo para iniciantes que desejam guardar os seus ativos neste ambiente e até realizar as suas primeiras transferências de maneira encriptada.

As ofertas são inúmeras e, assim como na escolha do banco de preferência, recomenda-se agir com cautela ao depositar a confiança nas mãos dessas empresas. A prática ultrapassada de utilizar plataformas de negociações, onde acontece um armazenamento das criptos, por exemplo, deu lugar a companhias que prezam pela segurança e focam apenas na compra e venda dessas moedas.

Remover as complicações da equação é o primeiro passo da marca cuja missão é aprimorar a experiência do usuário, sem expor os clientes ao risco. Com isso, adotar as criptomoedas como reserva de valor deixa de ser uma tarefa exclusiva de um público e atrai mais gente para um ambiente transparente, descentralizado e de fácil entendimento para todos.

(*) - É CEO da JP2Pay, corretora personalizada de criptomoedas (<https://jp2pay.com/home>).